

VARIAÇÃO E MUDANÇA NA FALA E NA ESCRITA: CAMINHOS E FRONTEIRAS

Leila Maria Tesch*
Lilian Coutinho Yacovenco**
Maria Marta Pereira Scherre***

Resumo: Este texto discute a contribuição da pesquisa variacionista de base laboviana para o entendimento da entrada de fenômenos variáveis na escrita brasileira em diversos gêneros discursivos. Nosso principal ponto é evidenciar que entram na escrita, em especial na escrita da mídia, variações linguísticas que não são estigmatizadas pela comunidade de fala mais ampla, ou aspectos variáveis mais encaixados linguisticamente, imperceptíveis do ponto de vista da marcação social. Com base nas evidências apresentadas, argumentamos que, diferentemente do senso comum, não é o registro da tradição gramatical que regula estas questões. Para tanto, apresentamos uma síntese e uma hierarquização de fenômenos linguísticos variáveis que entram na escrita padronizada. Os fenômenos abordados são (1) o futuro perifrástico, (2) a expressão gramatical do imperativo, (3) a expressão gramatical do objeto direto anafórico, (4) o uso de *a gente* na sua manifestação pronominal e (5) a concordância verbal de terceira pessoa do plural. Desta forma, consideramos que os resultados das pesquisas variacionistas podem contribuir, mais uma vez, para evidenciar que são as interações sociais, e não a tradição gramatical, que determinam, em primeiro plano, as dinâmicas linguísticas.

Palavras-chave: Variação e Mudança Linguística. Fala e Escrita. Estigma. Encaixamento Linguístico.

Abstract: In this article we examine the penetration of variable phenomena into several discourse genres in Brazilian written language using the Labovian variationist approach. Our main point is to show that written language, especially in the media, accepts linguistic variants that are not stigmatized by the wider speech community or are more deeply embedded in the linguistic system, and are not easily perceived from the point of view of social markedness. Based on the evidence presented, we argue that, contrary to common sense, grammatical tradition does not govern these matters. We present a summary and a hierarchy of variable phenomena that can be found in standard writing. These are: (1) the periphrastic future, (2) the imperative, (3) anaphoric direct objects, (4) *a gente* 'we' used as a pronoun, (5) third person plural verbal concord. Using our approach, we show that the results of variationist research help to prove that the dynamics of linguistic functioning are determined mainly by social interaction rather than grammatical tradition.

* Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, leilatesch@yahoo.com.br

** Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, lilianyacovenco@yahoo.com.br

*** Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, mscherre@gmail.com.br

Keywords: Linguistic change and variation. Spoken and written language. Stigma. Linguistic embedding.

Introdução

As pesquisas variacionistas de base laboviana podem contribuir para o entendimento da entrada de fenômenos variáveis na escrita brasileira em diversos gêneros discursivos. Nosso principal ponto é evidenciar que entram na escrita, em especial na escrita da mídia, variantes linguísticas que não são estigmatizadas pela comunidade de fala mais ampla e que são linguisticamente encaixadas, imperceptíveis do ponto de vista da marcação social.

Argumentamos, portanto, que, diferentemente do senso comum, não é o registro da tradição gramatical que regula a entrada de fenômenos variáveis na escrita. Para tanto, vamos apresentar uma síntese e propor uma hierarquização de variáveis e de variantes que entram na escrita padronizada, com destaque para os seguintes fenômenos: (1) o futuro perifrástico, (2) a expressão gramatical do imperativo na forma associada ao indicativo no contexto do pronome *você*, (3) a expressão gramatical do objeto direto anafórico com estruturas nominais ou com anáfora zero, (4) o uso de *a gente* na sua manifestação pronominal e (5) a concordância verbal de terceira pessoa do plural.

É pertinente ressaltar que algumas variantes desses fenômenos são utilizadas de forma diferente do que prescreve a tradição gramatical, porém os usuários da língua não sentem que estão usando formas não preconizadas pela prescrição gramatical, uma vez que esses fenômenos apresentam variação com variantes sem estigma social. Em verdade, são consideradas erradas, predominantemente, formas que estão correlacionadas com classe social (cf. SCHERRE, 2005, p. 115-148). Entretanto, mesmo que inconscientemente, estas formas são utilizadas na fala espontânea e na escrita revisada, como veremos de forma bem detalhada no decorrer deste trabalho.

Em relação aos cinco fenômenos em destaque neste trabalho, sabemos que a variação nos quatro primeiros não apresenta efeitos fortes relacionados à diferenciação na escala social e não são alvo de avaliação social negativa pelos membros da comunidade de fala mais ampla

e, por isso, não há estigma social evidente vinculado ao uso de suas formas variantes¹. Já o fenômeno relacionado à concordância apresenta estigma, pois se trata de variação que distingue grupos sociais – tendem a fazer mais concordância pessoas de classes com mais prestígio social e menos concordância pessoas de comunidades com menos prestígio social. Mostraremos que a variação de concordância que ocorre na escrita é altamente encaixada, daí ser relativamente imperceptível aos olhos do leitor.

Desta forma, consideramos que os resultados das pesquisas variacionistas podem contribuir, mais uma vez, para evidenciar que são as interações sociais, e não a tradição gramatical, que determinam, em primeiro plano, as dinâmicas linguísticas e a sua incorporação pela escrita monitorada.

A expressão do futuro do presente

O futuro, como categoria linguística, ocorre no português, tanto na língua falada como na escrita, e, para expressá-lo, o falante/redator utiliza várias formas verbais. Vale ressaltar que essa variação não é binária, uma vez que há, paralelamente às formas sintéticas, formas perifrásticas.

Tesch (2011) analisa na escrita jornalística capixaba a variação entre quatro formas de expressão do futuro do presente:

a) Futuro simples:

(01) “Domingos Martins concorre com mais 17 municípios ao título; o governo da cidade *receberá* premiação” (A Gazeta, 30 de junho de 2008);

b) Perífrase com *ir* no futuro + verbo no infinitivo:

¹ “As formas de expressão socialmente prestigiadas das pessoas consideradas superiores na escala socioeconômica opõem-se aos falares das pessoas que não desfrutam de prestígio social e econômico; ocorrem em contextos mais formais, mais estilizados, entre interlocutores que se transformam em modelos e pontos de referência do bem falar e escrever. As formas socialmente prestigiadas são semente e fruto da literatura oficial, que as transforma em língua padrão. Estão reguladas e codificadas nas gramáticas normativas, em que adquirem o estatuto de formas corretas, a serem ensinadas, aprendidas e internalizadas através de longo processo escolar.” (VOTRE, 2004, p. 51-52).

(02) “Vale dizer, a cada nova despesa, que represente benefício ou serviço, deve se determinar a fonte – dos recursos que lhe *irão dar* consistência para materialização.” (A Gazeta, 30 de junho de 2008);

c) Presente do indicativo:

(03) “*Começa* amanhã à tarde na área de desembarque do Aeroporto de Vitória uma ação promocional para os turistas que *visitam* o estado. Duas moças vestidas com trajes típicos vão distribuir um kit, em forma de uma caixa de bombom, com uma surpresa: além de chocolate, a caixa contém seis guias, com mapas e serviços de diferentes regiões turísticas do Espírito Santo.” (A Gazeta, 03 de julho de 2008)

d) Perífrase com *ir* no presente + verbo no infinitivo:

(04) “Vejam vocês, para ser submetido a uma operação séria, *vai entregar* seu corpo a um médico especialista e fica estupefato com o preço que ele cobra, caso procure um particular.” (A Gazeta, 05 de julho de 2008).

Os falantes de português, de um modo geral, não reagem negativamente ao uso das formas perifrásticas (b) e (d), no lugar antes reservado ao futuro simples (a) ou ao presente do indicativo (c) para a expressão do futuro verbal. Isso ocorre porque é um fenômeno que não sofre estigma social, embora o futuro simples seja a forma prescrita pela tradição gramatical. Mesmo sendo o futuro simples a forma prescrita, não há avaliação negativa (talvez nem a sua percepção) da variação entre as formas existentes para a expressão do futuro, fato que revela ser essa variação isenta de estigma social.

Na tradição gramatical, o futuro do presente é apresentado de modo praticamente invariante: apenas a forma sintética é registrada nos paradigmas de conjugação verbal e, de modo sutil e descritivo, é registrada a variação com o presente em verbos de movimento. Luft (2000), Mira Mateus *et al* (1983), Cunha & Cintra (2008) e Bechara (2002) não mencionam as construções perifrásticas e preferem usar *substituição* ou *possíveis empregos* para se referirem à variação entre o futuro simples e o presente do indicativo com valor de futuro. Said Ali (1966, p. 311-312) é um dos poucos a reconhecer a construção *ir* + verbo no infinitivo como uma possível substituta do futuro simples e como indicadora de uma ação futura imediata.

Nas gramáticas tradicionais não há menção explícita de que as formas variantes possam ser usadas sem alteração de significado, ou seja, que se equivalem. Ao contrário, o futuro simples é visto como o expoente básico da expressão de futuro, mesmo essa forma tendo praticamente desaparecido da língua falada, enquanto às outras variantes são sempre atribuídas leituras secundárias. A perífrase com *ir*, que atualmente funciona como a única variante produtiva na fala, ainda é definida por seus significados originais de movimento e proximidade, nas palavras de Said Ali (1966, p. 311-312).

Em textos jornalísticos, pode-se, também, encontrar a variação entre o futuro simples e o perifrástico, porém com uma frequência de uso não tão alta quanto ao que há na fala. É o que se observa nos exemplos do trecho 05:

(05) Mais sete ônibus articulados *vão serão* incorporados ao Sistema Transcol na próxima segunda-feira. Desse total, quatro veículos *vão atender* à linha 504 (Terminal de Itacibá X Terminal de Jacaraípe). Já os outros três *serão* utilizados na linha 591, (Serra Sede X Terminal de Campo Grande). (A Gazeta, 04 de julho de 2008)

Este exemplo parece apresentar erro de digitação. Porém, esse equívoco pode indicar algo interessante. A primeira ocorrência na expressão de futuro – *vão serão* – sugere que o autor do texto ficou em dúvida se usaria *vão ser* ou *serão*. Há fortes indícios quanto a essa indecisão ao se verificar as demais formas no futuro, tendo em vista que utiliza as duas variantes: perífrase com *ir* no presente + verbo no infinitivo – *vão atender* – e futuro simples – *serão*. Esse dado demonstra que o usuário da língua tem consciência de que há diferentes formas para expressar o futuro.

Tesch (2011) analisou a variação na expressão de futuro na amostra PortVix (Português falado na cidade de Vitória) e em textos jornalísticos (Jornal A Gazeta décadas 1930, 1970 e em 2008).

Na fala dos moradores de Vitória, a autora verificou que a forma prescrita pela tradição gramatical – futuro simples – praticamente não ocorre e a perífrase verbal, com *ir* no presente + verbo no infinitivo, forma substituta, tem sido a mais freqüente, como se observa na tabela 1.

	Futuro simples	<i>Ir no futuro</i>	Presente	<i>Ir no presente</i>	Total
	Amarei	Irei amar	Amo	Vou amar	
Nº	04	-	206	867	1077
%	0,4%	-	19,1%	80,5%	100%

Tabela 1: Distribuição das ocorrências indicadoras de futuro no *corpus* PortVix

Fonte: Tesch (2011, p. 163)

A partir da tabela 1, podemos constatar a preferência dos falantes capixabas, assim como a dos falantes brasileiros de modo geral (GIBBON, 2000; SANTOS, 2000; GRYNER, 2002, 2003; OLIVEIRA, 2006; MALVAR & POPLACK, 2008), pela forma perifrástica *ir* no presente + verbo no infinitivo para indicar futuro, 80,5%. Verifica-se, portanto, que a expressão do futuro ocorre essencialmente na forma perifrástica e no presente do indicativo.

No entanto, na escrita ainda é possível encontrar uma frequência maior de formas no futuro simples, como podemos observar na tabela 2.

	Futuro	<i>Ir no futuro</i>	Presente	<i>Ir no presente</i>	Total
	Amarei	Irei amar	Amo	Vou amar	
Nº	368	16	158	136	678
%	54,3%	2,3%	23,3%	20,1%	100%

Tabela 2: Distribuição das ocorrências indicadoras de futuro no *corpus* A Gazeta 2008

Fonte: Tesch (2011, p. 140)

O primeiro ponto a ressaltar é a manutenção pela preferência da forma do futuro simples, 54,3% dos dados, na modalidade escrita. Isso demonstra que, em ambientes mais formais, ainda há um predomínio da forma conservadora, preconizada nas gramáticas tradicionais. Contudo, também se constata a presença de dados no presente do indicativo – 23,3% – e da forma perifrástica *ir* no presente + verbo no infinitivo – 20,1% do total de ocorrências.

Um ponto que chama a atenção é a comparação entre as variantes pesquisadas ao longo das décadas, no jornal A Gazeta, ilustrada no gráfico 1.

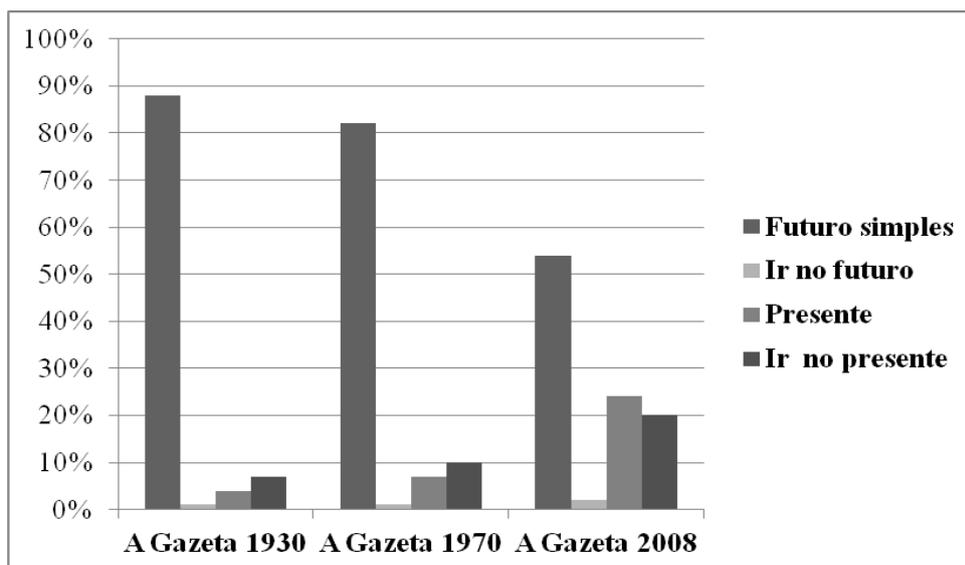


Gráfico 1: Comparação entre os resultados do jornal A Gazeta 1930, 1970 e 2008.

Fonte: Tesch (2011, p. 142)

De 1930 a 1970 quase não houve mudança de comportamento, apenas um leve aumento da construção perifrástica *ir* no presente + verbo no infinitivo e uma pequena diminuição de uso de futuro simples. No entanto, de 1970 a 2008, as mudanças foram mais acentuadas, pois há menos ocorrências de futuro simples e maior uso de *ir* no presente + verbo no infinitivo, embora a forma privilegiada continue sendo o futuro simples. Há também um aumento considerável da presença de formas no presente do indicativo.

Expressão gramatical do imperativo (*faz/faça*)

Scherre (2012) enfatiza que a tradição gramatical brasileira registra a forma imperativa associada ao subjuntivo (*Fale comigo!*) no contexto do pronome *você*, o imperativo considerado auxiliar, nos termos de Bechara (2002, p. 237), por exemplo. O imperativo historicamente verdadeiro, no sentido morfológico do termo, seria expresso pela forma hoje associada ao indicativo sem o *-s* final (*Fala comigo!*), no contexto do pronome *tu*, em frases afirmativas. Scherre (2012), todavia, registra que são exemplos da expressão variável do imperativo os casos em 6/7 e 8/9, extraídos da fala de Brasília, de dados coletados por Freitas

(1994, apud Scherre 2012), no contexto de uso do pronome *ocê*, em que a tradição gramatical só registra formas como *faça/venha*.

(06) “Ah! É? Então *faz* o que *ocê* quiser!”

(07) “*Faça* aquilo que *ocê* achar melhor!”

(08) “*Vem* para o *seu* lugar! Agora, Vitor!”

(09) “Maurício, *venha* pra dentro!”

Uma síntese minuciosa de percentuais de usos do imperativo com base em trabalhos de diversos pesquisadores brasileiros, apresentada por Scherre (2012), conduz ao gráfico 2.

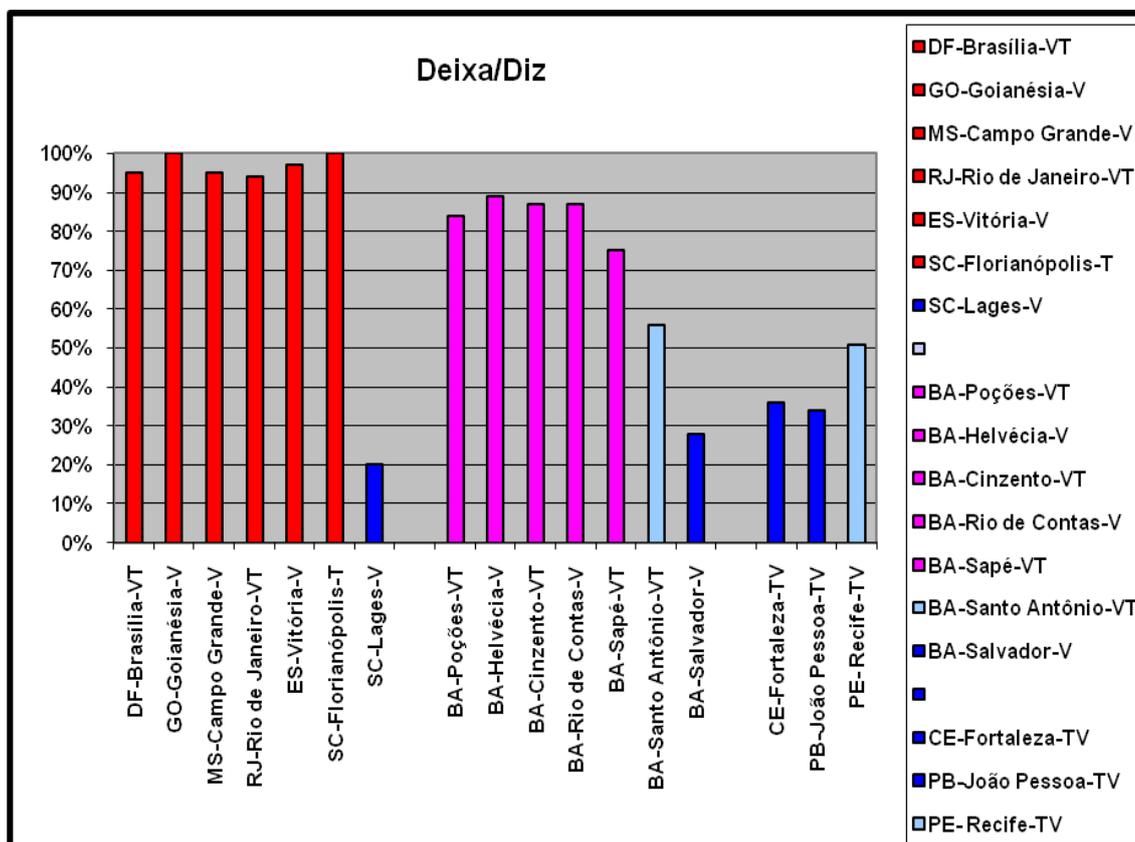


Gráfico 2: Imperativo associado ao indicativo (deixa/diz) em diálogos do português brasileiro falado (síntese de diversos estudos)

Fonte: Scherre (2012)

Com base no gráfico 2, Scherre (2012) chama a atenção para o corte geográfico claro em termos regionais, em que as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste tendem a favorecer o imperativo associado à forma indicativa (*faz/vem*) e a região Nordeste tende a favorecer o imperativo associado à forma subjuntiva (*faça/venha*), independentemente da presença dos pronomes *você* (V) ou *tu* (T). Além disso, a autora observa que o recorte geográfico vai além das regiões: evidencia-se também um recorte capital vs. não capital no estado da Bahia. Nesta síntese, Scherre (2012) considera que ainda permanece inexplicável o comportamento divergente da cidade de Lages, no estado de Santa Catarina, na região Sul, em que se favorece a forma imperativa associada ao subjuntivo, contrariamente ao comportamento de uso da forma imperativa associada ao indicativo em toda a região Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

O fato que importa especialmente para a nossa abordagem neste texto é que a variação do imperativo, bastante divergente do registro da tradição gramatical, não é alvo de estigma; e, nos termos da síntese de Scherre (2005; 2012), não revela efeitos sociais, na escala vertical, relacionada, por exemplo, aos anos de escolarização dos falantes. Mais importante ainda para as nossas reflexões a respeito de que variações entram na escrita é o estudo da variação do imperativo em revistas em quadrinhos da *Turma da Mônica*, iniciada em 1992, como relata Scherre (2005, p. 115-128). Estudos ampliados com este tipo de amostra podem ser vistos em Andrade, Melo & Scherre (2007). Reapresentamos a seguir a tabela que se encontra em Scherre (2012), em que se sintetiza um estudo em tempo real em textos desta revista, com explicitação sempre crescente do imperativo associado à forma indicativa, em contexto do pronome *você*.

Fatores: décadas/anos	Frequência do imperativo na forma indicativa		Peso relativo dos fatores
1970/1971	11/ 153	7%	0,02
1983	15/ 84	18%	0,06
1985	145/ 260	56%	0,40
1986/1987	135/ 229	59%	0,38
1988/1999	361/ 637	57%	0,44
2001	360/ 507	71%	0,62
2002	579/ 794	73%	0,61
2004	333/ 489	68%	0,52
2005	365/ 478	76%	0,69
2010	119/ 147	81%	0,76

Total	2423/3778	64%	-
-------	-----------	-----	---

Tabela 3: Uso do imperativo associado à forma indicativa (*faz/olha*) em diálogos de revistas em quadrinhos A *Turma da Mônica*: de 1970 a 2010 (contexto do pronome *você*)]
Fonte: Scherre (2012), com adaptações.

O fato é que a forma imperativa associada à forma indicativa entra sem qualquer constrangimento na escrita de revistas em quadrinhos da região Sudeste. Assim, uma variante divergente do registro da tradição encontra seu pouso tranquilo e sereno em textos escritos monitorados. Uma síntese de diversos trabalhos com dados da escrita brasileira pode ser vista em Scherre (2005, p.123-125). As questões identitárias que envolvem o uso do imperativo associado ao indicativo no contexto do pronome *você* podem ser vistas em Andrade, Melo & Scherre (2007).

Expressão gramatical do objeto direto anafórico

O uso de pronomes pessoais na posição de objeto direto de 3ª pessoa é abordado pelas gramáticas tradicionais de modo bastante restrito. Essas gramáticas indicam, em seus quadros pronominais, apenas o pronome pessoal do caso oblíquo e citam, de modo restritivo, o uso de pronomes pessoais do caso reto como objetos diretos. As outras duas estratégias para preenchimento do objeto direto anafórico de 3ª pessoa – o sintagma vazio (categoria vazia) e o sintagma nominal anafórico –, apesar de frequentes na fala e na escrita jornalística, respectivamente, – não são mencionadas pelas gramáticas tradicionais.

Cunha e Cintra (2008, p. 302), ao tratarem dos pronomes pessoais na posição de objeto direto, somente citam a ocorrência do pronome oblíquo (clítico) para a expressão do objeto direto anafórico. Na seção denominada *Equívocos e incorreções*, afirmam que “Na fala vulgar e familiar no Brasil é muito frequente o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto.”

Bechara (2002, p. 175) também se refere ao uso do pronome *ele* como objeto direto, porém só reconhece um tipo de uso, como se constata na afirmação seguinte: “O pronome *ele*, no português moderno, só aparece como objeto direto quando precedido de *todo* ou *só* (adjetivo) ou se dotado de acentuação enfática, em prosa ou verso.”

Bagno (2013b, p. 236), que possui uma gramática com concepção diversa da dos autores anteriormente mencionados, classifica os pronomes *ele(s)*, *ela(s)* como pronomes da não-pessoa. Afirma que, no português brasileiro, sua ocorrência se dá nas funções de sujeito, objeto direto, objeto indireto e complemento oblíquo.

Como acima mencionado, além da retomada anafórica do objeto direto por pronomes pessoais (do caso reto ou oblíquo), há outras duas estratégias de preenchimento. As quatro variantes estão presentes no jornal capixaba A Gazeta, conforme ilustrado nos exemplos abaixo.

a) Retomada por sintagma nominal e por clítico acusativo:

(10) Pintor reencontra *Neném*, mas decide doar *a cadela*

O pintor Eduardo Oliveira conseguiu rever *a cadela Neném*, após ficar um dia preso, mas decidiu entregá-la para adoção (A Gazeta, 10/10/2013) (Manchete, 1ª página)

b) Retomada por categoria vazia:

(11) Estado tem *dinheiro*, mas não consegue gastar *o*. (A Gazeta, 18/10/2013) (Manchete, 1ª página)

c) Retomada por pronome lexical

(12) *Ele* estava atravessando o negócio, queria tomar a boca do Betinho. *Aí*, eu matei *ele*. (A Gazeta, 2008)

Na tabela 4, pode-se observar que as quatro variantes estão presentes na fala e também na escrita jornalística.

Amostra	Clítico		Pronome Lexical		SN Anafórico		Categoria vazia	
	N	%	N	%	N	%	N	%
PortVix (fala)	14	0,5	407	13,4	856	28,2	1760	58,0
A Gazeta (escrita)	107	42,0	8	3,1	119	46,7	21	8,2

Tabela 4: Preenchimento do objeto direto anafórico – dados da fala de Vitória/ES - 2000 e da escrita do jornal A Gazeta, de Vitória/ES, 2013

Fonte: Yacovenco & Berbert (2013) e Andrade (2013)

Podemos observar que, mesmo ocorrendo as quatro variantes nas duas modalidades discursivas, há, entretanto, diversidade quanto à frequência relativa de ocorrência de cada uma das variantes em função da própria modalidade discursiva utilizada: na escrita jornalística, a retomada de objetos anafóricos de 3ª pessoa por categorias vazias poderia causar ambiguidade ou dificuldade de compreensão, daí ser mais frequente o preenchimento por sintagmas nominais anafóricos. Na fala, entretanto, a categoria vazia é a estratégia de preenchimento preferida.

É importante destacar que, apesar de o clítico (pronome pessoal do caso oblíquo) ser a variante reconhecida pela tradição gramatical, é uma variante em desuso: na fala, pode ser considerada praticamente extinta, já que ocorre em apenas 0,5% do total de casos, em contextos restritos, predominantemente nas formas *lo(s)/la(s)*. Na escrita jornalística, o clítico ainda é bastante utilizado, mas não é a variante mais frequente, cedendo lugar ao sintagma nominal anafórico.

Em relação ao pronome lexical (pronome pessoal do caso reto usado como objeto direto), notamos que sua frequência de ocorrência é bastante baixa na escrita jornalística (somente 3,1% do total de ocorrências). Na fala, sua frequência de ocorrência é mais alta do que na escrita (13,4% dos casos). Entretanto, em ambas as modalidades, é a variante menos utilizada. Cabe, ainda, destacar que há um certo estigma no uso dessa variante: a escolaridade é uma variável que atua fortemente sobre o uso do pronome lexical. Podemos observar que, na escrita jornalística, o uso de pronomes lexicais só se dá em entrevistas, isto é, no gênero discursivo em que se dá voz a uma pessoa. Cabe ressaltar que os pronomes lexicais somente aparecem na fala transcrita de pessoas que vivem à margem da sociedade, como assaltantes e assassinos.

Uso de *a gente* na sua manifestação pronominal

O sistema pronominal do português é tratado como sem variação pelas gramáticas tradicionais. Dessa forma, a alternância entre *nós* e *a gente*, tão comum e frequente na fala, não faz parte do escopo de seu objeto de estudo. Podemos verificar tal fato em Cunha & Cintra (2008), em que somente a variante *nós* é apresentada.

Bechara (2002, p. 166), ao tratar do sistema pronominal do português, insere a variante *a gente*, porém o faz ao apresentar observações sobre as formas de tratamento. Segundo o gramático, “o substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa.”

Bagno (2013a), como já visto para o caso de pronomes de 3ª pessoa, ao tratar dos índices da 1ª pessoa, inclui a variante *a gente* como 1ª pessoa do plural, indicando sua ocorrência como sujeito, objeto indireto e complemento oblíquo.

Por outro turno, diversas pesquisas sociolinguísticas já abordaram a variação da primeira pessoa do plural, enfatizando o processo de variação/mudança por que passa o sistema pronominal do português brasileiro. Entre as muitas pesquisas sobre o tema, mencionamos a de Mendonça (2010), que apresenta uma síntese sobre o uso das variantes *nós/a gente* em diversas cidades brasileiras, conforme podemos verificar no Gráfico 3.

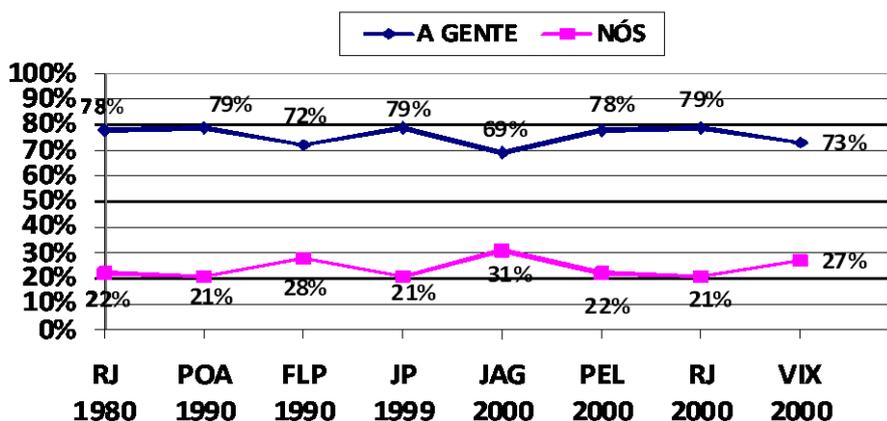


Gráfico 3: Percentuais de uso das formas *nós/a gente* em diversas cidades brasileiras nos trabalhos consultados por Mendonça (2010)

Fonte: Mendonça (2010, p. 100)

A variação da primeira pessoa do plural, como já dito, tão comum na fala, é bastante restrita na escrita jornalística, como se pode observar nos exemplos 13 e 14. No jornal capixaba *A Gazeta*, constata-se que o uso de *a gente* ocorre com uma frequência baixa e, quando a variante é utilizada, o é em crônicas de leitores, como ilustrado no exemplo 13, extraído da seção *Cri-crítico*, em que o jornal publica comentários de leitores sobre filmes.

Podemos notar que, na própria chamada para o encaminhamento de uma crônica sobre um filme, também ocorre a variante *a gente*, porém não na posição de sujeito.

(13) *A gente* descobre um John mais conturbado, criado pela avó e que reencontra a mãe durante o período mais conflitante da vida de uma pessoa: a adolescência. Envie um comentário *pra gente* sobre qualquer filme em cartaz. (Seção Cri-crítico, A Gazeta, 18/10/2013)

Em propagandas destinadas a um público mais jovem, como o do automóvel HB20, também se observa a presença da variante *a gente*, como exemplificado em 14.

(14) *A gente* ainda tem muito o que comemorar. HB20. As melhores condições e várias unidades para pronta entrega. (Propaganda veiculada em A Gazeta, Outubro de 2013)

Revistas em quadrinhos, um gênero híbrido, em que há presença de marcas de oralidade, também retratam a variação na primeira pessoa do plural. Entretanto, essa variação não é tão frequente quanto a encontrada na fala, como se verifica nos resultados de Andrade (2012). Observa-se que em 2010 houve um acréscimo considerável no uso de *a gente* nas revistas em quadrinhos da Turma da Mônica, de Maurício de Souza: em 1970, apenas 11,7% do total de dados correspondiam a forma *a gente*, enquanto em 2010 há uma frequência relativa de 26%.

Ano de publicação	a gente x nós	
	N	%
1970	14/ 120	11,7
2010	271/1043	26,0
Total	285/1163	24,5

Tabela 5: Distribuição da variante *a gente x nós* nas Revistas da Turma da Mônica em duas sincronias

Fonte: Andrade (2012)

As pesquisas sociolinguísticas apontam que a variação na primeira pessoa do plural não apresenta estigma. A variável social mais relevante para o fenômeno é a faixa etária, não sendo a escolaridade uma variável importante para o uso de qualquer uma das variantes. Esse

é um fator, a nosso ver, que contribui para a entrada da forma inovadora, *a gente*, em textos escritos, sejam eles os de revistas em quadrinhos, de propagandas ou de textos jornalísticos.

Concordância verbal de terceira pessoa com sujeitos de estrutura complexa

A tradição gramatical brasileira registra como regra geral a presença da concordância verbal obrigatória entre o verbo e o seu respectivo sujeito, especialmente para os casos de sujeito de um só núcleo de estrutura simples (cf., por exemplo, Bechara, 2002, p. 554), embora ampla variação na concordância de número ocorra na fala, como já atestam diversos estudos no Brasil. Scherre (2008, p. 31-35), a reimpressão de Scherre (2005) com referências atualizadas, apresenta extenso levantamento dos trabalhos sobre concordância feitos até aquela época.

A ausência de concordância na fala brasileira é sujeita a forte avaliação negativa, a que se atribui forte estigma. Scherre (2005) apresenta diversas situações da repulsa à ausência de concordância pela mídia brasileira. Evento recente, em 2011, pôde ser amplamente visto pela comunidade urbana brasileira, com a forte reação aos exemplos de concordância variável no capítulo um “Escrever é diferente de falar”, de autoria da professora Heloísa Ramos (2011, p. 11-27), que faz parte do livro didático *Por uma Vida Melhor* distribuído pelo MEC para o programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Scherre (2013) faz reflexões a respeito deste evento em uma revista da UFRJ sobre preconceito linguístico.

Para os casos de sujeito de estrutura complexa, a tradição registra há muito e de forma sistemática a variação regular em construções com sujeito de natureza quantitativa e, mais recentemente, registra também casos de sujeito de natureza percentual, como se observa em exemplos da mídia brasileira analisados por Scherre & Naro (2007, p. 142-143), transcritos a seguir e reenumerados como 15/16 e 17/18. Para um extenso e detalhado levantamento dos casos variáveis registrados pela tradição gramatical, sugere-se a leitura da dissertação de mestrado de Silva (1997).

Vejamos os exemplos:

(15) *Boa parte dos partos não ocorre em hospitais (Isto É, 23/6/1993, Medicina, p. 46, legenda)*

(16) Mas acho que *boa parte* de suas reflexões se *adaptam* aos impasses da imprensa brasileira (*Correio Braziliense*, 25/12/1994, Imprensa, p. 8, c.1, "Jornalistas, heróis e vilões")

(17) 75% da população *apóiam* a entrada de Erundina no ministério (*Folha de S. Paulo*, 3/2/1993, 4-p.8, c.1, Ilustrada)

(18) 10% da população ativa do país *está* desempregada (IstoÉ, 15/9/1993, p. 79, c.1)

Os casos de concordância variável de sujeito de um só núcleo de estrutura complexa de natureza não quantitativa são registrados pela tradição gramatical como casos particulares de concordância (Bechara, 2002), como opções estilísticas (Lapa, 1991) ou como áreas críticas da língua portuguesa (Peres & Mória, 1995). São exemplos desta variação na escrita revisada os casos de 19 a 21 (ausência de concordância verbal de terceira pessoa com o núcleo do sujeito de número singular) e os casos de 22 a 24 (ausência de concordância verbal de terceira pessoa com o núcleo do sujeito de número plural), coletados por Scherre & Naro (2000, p. 153-154; 2007, p. 141):

(19) Lembramos que *a estipulação* dos prazos acima *decorrem* da necessidade de melhor aproveitamento dos recursos disponíveis para o exercício de 1994. (Ofício Circular n. 60 MEC/SESU, 17/03/1994)

(20) Sabemos que *a sobrecarga* nos pés *danificam* outras estruturas, inclusive a coluna. (O Globo, 10/12/1995)

(21) *A presença* de marcas levam a marcas e *a presença* de zeros levam a zeros (Versão semifinal da Tese de Maria Marta Pereira Scherre, lida e aprovada pelo orientador, 1988)

(22) *As novas atribuições* dos prefeitos *faz* crescer a resistência à reforma agrária (Folha de São Paulo, 10/09/1995)

(23) *As ameaças* dos bombardeios da Otan *provocou* um agudo incremento das atrocidades provocadas pelo exército e forças paramilitares sérvias (*Correio Braziliense*, 26/04/1999)

(24) Nos supermercados, *os reajustes* dos produtos fornecidos por oligopólios *começou* há um mês, deixando os alimentos essenciais para trás na corrida das remarcações (Estado de Minas, 13/3/94)

Scherre & Naro (2007), ao analisarem casos de sujeito de um só núcleo de estrutura complexa, de núcleo singular não quantitativo (exemplos de 19 a 21), de núcleo de natureza quantitativa (exemplos 15 e 16) e de núcleo percentual (exemplos 17 e 18), concluem que restrições que operam na variação da língua falada operam também na língua escrita revisada, a saber, a animacidade do núcleo do sujeito e do núcleo do sintagma preposicionado; a saliência da oposição singular/plural do verbo; o número morfológico do núcleo ou do adjunto.

Para os casos de sujeito não quantitativo singular (exemplos 19, 20 e 21), Scherre & Naro (2007, p. 140) concluem que “a estrutura prototípica que permite o deslocamento do controle da concordância é [sistematicamente] menos marcada (ou menos saliente)”, com núcleo do sujeito singular não humano (*estipulação/sobrecarga/presença*), com núcleo plural do SN encaixado no sintagma preposicionado também não humano (*prazos/pés/marcas*) e com verbo de oposição menos saliente, marcada na escrita só pela presença da letra *m* (*decorre/decorrem, danifica/danificam, leva/levam*).

Em síntese, os casos de variação da concordância de número, com as variantes estigmatizadas, em estruturas visíveis como as de sujeito de estrutura simples adjacentes ao verbo, até entram na escrita na fase de rascunho, mas são revisados e, então, dificilmente aparecem na escrita monitorada, como a que Scherre & Naro (2000; 2007) analisaram. Entretanto, a revisão não dá conta de perceber todos os casos de variação de concordância em construções complexas, que ainda permanecem a despeito de todas as tentativas de sua eliminação do texto escrito. O fato é que há um sistema linguístico muito forte por detrás da variação da concordância de número. Por esta variação ser um forte marcador social e estilístico, há a busca da homogeneidade e da categoricidade na concordância, porém a variação sistemática resiste e deixa as suas marcas naturais, indeléveis.

Reflexões finais

Retomando nosso ponto de partida, podemos concluir que, de fato, são as interações sociais, e não a prescrição gramatical, que determinam o uso das formas linguísticas.

Há uma tendência de se rotularem de *erradas* as formas que fazem correlação estreita com classe social, mesmo que façamos uso destas mesmas formas na fala espontânea e na escrita revisada. Em relação aos cinco fenômenos em destaque neste trabalho, três não apresentam estigma social evidente vinculado ao uso de suas formas variantes, justamente por não diferenciarem grupos sociais, enquanto o quarto apresenta estigma parcial e o quinto, forte estigma social. Abaixo, apresentamos uma escala hierárquica dos fenômenos investigados em relação ao estigma social apresentado por cada um.

- 1) A expressão do futuro do presente – sem estigma
- 2) A expressão gramatical do imperativo – sem estigma
- 3) O uso de *a gente* na sua manifestação pronominal – sem estigma
- 4) A expressão gramatical do objeto direto anafórico – com estigma parcial
- 5) A concordância verbal de terceira pessoa do plural – com estigma

Referências

ANDRADE, C. Q.; MELO, F. G. de; SCHERRE, M. M. P. História e variação linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. *Finos Leitores*. Brasília: Jornal de Letras do UniCEUB. Ano 3, número 1, agosto de 2007. Disponível em: <<http://www.uniceub.br/periodicos/default.asp>>.

ANDRADE, P. G. *A alternância nós/a gente em tempo real de curta duração nas revistas da Turma da Mônica*. 2012. Relatório Final de Iniciação Científica, Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

_____. *A expressão do objeto direto anafórico em dois jornais capixabas*. 2013. Relatório Parcial de Iniciação Científica, Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2013a.

_____. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2013b.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

CUNHA, C; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

GIBBON, A. de O. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GRYNER, H. Emergência do futuro perifrástico no português carioca: o princípio da marcação. In: *Veredas*, v. 6, n.2, p. 149-160, jul/dez. 2002.

_____. Equilíbrio e desequilíbrio na evolução das estruturas condicionais. In: PAIVA, M. da C.; DUARTE, M. E. L. *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contra Capa, 2003. p. 175-192.

LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. 14. ed. São Paulo: Globo, 2000.

MALVAR, E.; POPLACK, S. O presente e o passado do futuro no português do Brasil. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Orgs.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: um homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

MENDONÇA, A. K. *Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*. 2010. 135 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

OLIVEIRA, J. M. de. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PERES, J. A.; Mória, T. *Áreas críticas da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1995.

RAMOS, H. C. Escrever é diferente de falar. In: *Por uma vida melhor* [Coleção Viver e aprender]. São Paulo: Ação Educativa/Global, 2011. p. 11-27.

SAID ALI, M. *Grammatica Secundária de Lingua Portuguesa*. 8. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos Editora, 1966.

SANTOS, J. R. dos. *A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005/2008.

_____. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. *Tabuleiro de Letras*, v. 4, p. 1-32, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras>>.

_____. Verdadeiro respeito pela fala do outro: realidade possível? *Revista Letra – Linguagem & Preconceito*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. p. 51-62.

_____.; NARO, A. J. A hierarquização do controle da concordância no português moderno e medieval: o caso de estruturas de sujeito simples. In: GROBE, S.; ZIMMERMANN, K. (Eds.). *O português brasileiro: pesquisas e projetos*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p.135-165.

_____.; _____. Sobre o deslocamento do controle da concordância verbal. *Linguística (PPGL/UFRJ)*, v. 3, p. 133-159, 2007.

SILVA, V. de A. *Análise da variação na concordância verbal em redações de vestibular*. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

TESCH, L. M. *A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística – tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.

YACOVENCO, L. C.; BERBERT, A. T. F. Preenchimento do objeto direto anafórico: um olhar sobre a fala de Vitória/ES. In: CARDOSO, C.; SCHERRE, M. M. P.; LIMA-SALLES, H. M. M.; PACHECO, C. (Orgs.). *Variação linguística – contato de língua e educação*. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 109-128.